

> Apresentação

> Presentation

Com grande satisfação, apresentamos mais um número da **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, dedicado à reflexão e à divulgação do conhecimento a partir das valiosas contribuições submetidas à chamada de temática livre. Essa edição traz um conjunto de submissões que enriquecem o debate acadêmico ao explorarem temas e abordagens variados.

Antes de detalharmos cada publicação desse número, gostaríamos de agradecer aos autores e às autoras por suas contribuições instigantes, assim como à nossa equipe de assistentes editoriais e revisores, cujo primoroso trabalho garante a qualidade editorial da revista.

Dando início à apresentação das publicações, temos o artigo “A apoteose e a queda do narrador: questões da filosofia espinosana em *Jacques le fataliste et son maître*, de Denis Diderot”, escrito por Luca Barreiro Lopes de Almeida. No estudo, Almeida analisa a representação ficcional e satírica do deus espinosano inscrita no narrador-autor do romance de Diderot e refletida no tempo e no espaço da narrativa. Além disso, o artigo pontua que, na segunda metade da obra, esse narrador sofre uma transformação e passa a evidenciar sua impotência.

Em “Não as luzes, o escuro. Ensaio sobre a epidíctica fetichista”, Antonio Herci Ferreira Júnior analisa o conceito de fetichismo a partir da sua primeira aparição, cunhada por Charles de Brosses em 1760, até outros significados do termo oriundos de várias áreas do conhecimento moderno. O artigo revela que o uso do termo, ao associar o fetichismo ao “negro africano” como uma falha evolutiva, impõe a justificativa para a colonização e a escravização forçada, alienando pessoas de seus direitos sobre seus corpos e trabalho.

Clarissa Catarina Barletta Marchelli, em seu artigo “As faces da inveja em João Guimarães Rosa: entre gregos e cristãos”, visita obras de Rosa em busca de compreender as diferentes conotações da inveja que o autor tenha abordado e aproximado. Marchelli evidencia que Rosa manejava influências de duas tradições, a clássica e a cristã, para conferir à inveja contornos ora positivos, ora negativos, da virtude e do pecado, traduzidos em personagens com vozes aparentemente destoantes.

No artigo “*Sonidos de la muerte: deslocamentos entre presença e não presença na escuta do testemunho*”, Patricia de Souza Matias analisa como a instalação *Sonidos de La Muerte*, da artista mexicana Teresa Margolles, desafia as estruturas tradicionais de sentido a partir de uma proposta que mescla diferentes formas de comunicação e de relação com a realidade. Segundo Matias, os diversos depoimentos de testemunhas a respeito do assassinato de mulheres, dispostos na exposição, promovem a escuta e a sensibilidade sônica diante de fontes distintas como voz, som, silêncio, ruído, testemunho, violência e feminino.

“Tecendo a autohistória: Gloria Anzaldúa e Rosana Paulino em conversação artística”, de Adriana Teles de Souza e Priscila Miraz de Freitas Grecco, traz uma análise crítica do conceito de autohistória, desenvolvido pela escritora Glória Anzaldúa, entendendo-o como uma representação da história de seu povo, que, portanto, vai além de sua biografia individual. O artigo também avalia como esse conceito se relaciona com a prática artística de Rosana Paulino e como a arte fundamentada em histórias pessoais pode destacar as tensões entre o indivíduo e as estruturas de poder coloniais face à arte contemporânea da América Latina.

A resenha “Clementina de Jesus e a ancestralidade negra no samba brasileiro”, escrita por Cleonice Elias da Silva, propõe uma leitura do filme *Clementina*, da cineasta Ana Rieper, lançado em 2018. A avaliação de Silva considera os méritos da obra, especialmente a valorização da cultura afro-brasileira e a inserção de Clementina de Jesus no cenário do samba fluminense, mas também pontua temas e abordagens que faltaram no filme e que poderiam conferir mais profundidade aos contextos racial, político e intelectual da sambista.

Alexsander Candido de Britto contribui para o número com a tradução do verbete “O ideal socialista: arte (1891)”, de William Morris (1834-1896). Morris foi um designer associado ao movimento britânico *Arts and Crafts*. Em *The Socialist Ideal: Art*, o autor argumenta que o socialismo deve ser analisado sob uma perspectiva estética. Ele observa que o modo de produção capitalista afetou a relação do ser humano com a natureza, a cidade, a religião e as trocas sociais. Além disso, Morris entende que, ao tornar a arte acessível apenas para a burguesia e a nobreza, o capitalismo criou uma divisão social entre o artista e o artesão.

O número conta, também, com o ensaio visual de Camila Elis Schneider intitulado “Memórias Transparentes (sobre o mar)”. Nele, a autora utiliza a memória tátil para criar constelações de manchas em aquarela, focando na pele e

na luz, como se pudesse ver o toque de dentro do corpo. Seus desenhos e aquarelas, influenciados por suas memórias e seus sonhos com o mar, foram produzidos em um ateliê em Marselha, França, e são dedicados a Cy Twombly.

Encerramos essa apresentação convidando nossos leitores a explorarem as submissões dessa edição e desejando a todos uma excelente experiência de leitura.

Lauro Iglesias Quadrado, Patrícia Cristine Hoff, Paula Trusz